

EVENTOS

2º ENCONTRO DO LABVERDE COM O OCUPE&ABRACE

JOSÉ OTÁVIO LOTUFO



José Otávio Lotufo é Arquiteto e urbanista pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo (1996); Mestre na área de Projeto Arquitetônico pela FAU-USP (2011); Doutorando na área de Projeto Arquitetônico pela FAU-USP (desde 2012)

Entre o workshop, ocorrido em dezembro passado (ver revista LABVERDE N° 7), e o segundo encontro entre o LABVERDE e o coletivo Ocupe & Abrace, passaram-se quatro meses. A primeira fase do projeto, apresentada neste encontro, objetivou interpretar os esboços iniciais, obtidos no workshop,



2º Encontro do LABVERDE com o Ocupe&Abrace.
Foto: Leonard Castro.

e integrá-los ao conhecimento técnico. De um lado desta parceria está o sonho da comunidade em requalificar um espaço abandonado com enorme potencial transformador para o bairro. Do outro lado está a importância da praça como ponto inicial para uma transformação urbana envolvendo a totalidade da bacia hidrográ-



Cartaz do evento

fica do Córrego Água Preta. Uma transformação, por sua vez, apoiada na estruturação, em uma escala maior, de uma ampla rede de infraestrutura verde para a cidade de São Paulo.

A inserção do projeto da praça neste esquema maior, aliada às demandas da comunidade da Pompéia, é maior justificativa para um investimento do poder público e da iniciativa privada. O projeto prevê uma intervenção para além da área da praça, incluindo as ruas do entorno e a conexão com outras áreas verdes, como a escadaria na rua Dr. Paulo Vieira e a Praça Nossa Senhora do Carmo, criando assim as conexões entre os fragmentos urbanos de natureza, importantes para estabelecer os fluxos ecossistêmicos.

Além disso prevê um conjunto de tipologias de infraestrutura verde de drenagem, que pretende ser um modelo para se replicar, gradativamente e na medida do possível, por toda a bacia hidrográfica. O retorno vem com uma cidade mais humana e um conjunto valioso de serviços ecossistêmicos que pode contribuir para sanar diversos problemas, como enchentes, poluição de rios, ilhas de calor, carência de espaços públicos, ausência de áreas verdes, entre outros impactos.

De todas as possibilidades de locais levantadas para o encontro, a escolha não poderia ter sido melhor. O encontro se deu numa manhã ensolarada de sábado na avenida Pompéia, bem próximo à Praça da Nascente. O local foi o Instituto dos Quadrinhos, uma escola de desenho que emprestou uma sala de aula ao Ocupe & Abraça, mostrando a boa vontade e envolvimento do bairro com a proposta. A sala tem excelente iluminação natural, uma parede livre para fixar os desenhos e espaço suficiente para acomodar a todos os presentes sentados, numa distância confortável para uma boa leitura das pranchas expostas. Mais do que uma apresentação foi uma boa conversa sobre os avanços e os obstáculos deste grande desafio.



Estiveram presentes os arquitetos envolvidos no projeto, membros do coletivo Ocupa & Abrace, outros moradores da vizinhança, amigos apoiadores da proposta e uma representante da Secretaria do Verde e Meio Ambiente. A presença de alguém ligado ao poder público foi importante para antecipar os obstáculos que tínhamos de contornar, uma vez que a iniciativa representa, por si só, uma crítica e uma quebra do atual paradigma de obras públicas.



2° Encontro da Revista LABVERDE com o Ocupa&Abrace. Foto: Leonard Castro.

O que se tem confirmado, no dia a dia de quem acompanha a ação dos coletivos urbanos e outras iniciativas, é que estamos passando por uma mudança profunda na cultura urbanística, uma mudança que surpreende por vir das escalas menores, das relações humanas no interior dos bairros. É um fenômeno que não pode ser desconsiderado por que está inter-

interessado nos processos socioecológicos da cidade, um fenômeno descentralizado e diversificado de resiliência urbana, ecológica e social. Ao que parece, trata-se de um processo sem volta, e as políticas públicas precisarão acompanhar essas mudanças e se adaptar.

A importância dá-se, antes de tudo, pelo *feedback* comunitário. São as surpresas e imprevistos que vão, aos poucos, ensinando e mostrando os caminhos. A simplicidade, a ligação com a natureza e seus fenômenos, a valorização da água, a agricultura urbana, a vontade de fazer acontecer e tudo isso junto, confluindo para a ocupação do espaço público, são as condições preexistentes nos laços afetivos entre a população e o lugar. Trata-se de uma ocupação intimamente integrada ao 'fazer'. Ocupar fazendo: esta é a essência da apropriação e a alma do projeto, o ato que gera o vínculo e o sentimento de 'pertencer'.

No período entre o workshop e o segundo encontro, o coletivo, por esforço próprio, conseguiu algum recurso financeiro, através Subprefeitura da Lapa e Câmara dos Ve-

readores, para melhorias na praça. Uma verba pequena frente ao escopo do projeto, mas que daria para fazer alguma coisa positiva, já na direção dos objetivos do projeto. Foi justamente neste ponto que começaram a aparecer as condicionantes que revelam a complexidade da mudança que queremos.

O que todos querem é sustentabilidade, preceitos ecológicos e inovação, algo que seja mais do que o concerto das condições existentes, e que possa ser referência para a cidade. Porém, como as licitações são feitas anualmente, por prestador de serviço e não por obra, a empresa que faria qualquer reforma já estava, a princípio, definida. Esta condição expôs, num encontro do coletivo com a empresa licitada, um tal ‘engessamento’ nos padrões construtivos e de mobiliário que praticamente impossibilitaria qualquer inovação nos preceitos de projeto. Além disso, a verba tem prazo de validade, o que exige de todos uma certa pressa em decidir como usá-la. Este empecilho reafirma a necessidade de uma aproximação entre academia e poder público, no sentido de se discutir as mudanças necessárias nas políticas públicas para que possamos avançar na inovação, em direção a um desenvolvimento sustentável para a cidade.

O próximo passo, já em andamento, é o desenrolar burocrático entre duas das partes envolvidas, o poder público e a Universidade. Se tudo correr bem o projeto poderá ser o início de uma mudança na gestão de espaços verdes, inserindo cada fragmento dentro de uma visão sistêmica que considere a rede de infraestrutura verde e os processos socioculturais de nossa cidade.

José Otávio Lotufo

São Paulo, junho de 2014.